**LECTIO DIVINA: A TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR**

**Mt 17,1-9**

O 2.º Domingo da Quaresma é chamado "de Abraão e da Transfiguração". Se o 1.º Domingo da Quaresma nos remete de modo muito eficaz para a solidariedade que Jesus partilha connosco na tentação, o 2.º Domingo recorda-nos que a gloria refulgente do corpo de Jesus é a mesma que Ele quer partilhar com todos os batizados na sua morte e ressurreição. Como Abraão, pai dos crentes, também nós somos convidados a partir, a sair da nossa terra, a deixar as seguranças que construímos para colocar a nossa confiança novamente em Deus; a meta pode ser vislumbrada na transfiguração de Cristo, o Filho amado, em quem também nós nos tornamos todos filhos de Deus e, ao jeito de Jesus, todos filhos únicos, todos prediletos.

Na Transfiguração, o Batismo é o sacramento da fé e da filiação divina. Nos domingos sucessivos, apresentar-se-á o Batismo sob as imagens da água, da luz e da vida.

Batizado no Jordão, tentado no deserto, mas vitorioso, Jesus começou a executar o seu programa filial batismal, que tem por meta a Cruz gloriosa (Batismo consumado) em que nós somos por Ele batizados com o fogo e com o Espírito Santo. Entre o Jordão e a Cruz gloriosa aí está hoje, 2.º Domingo da Quaresma, o episódio da Transfiguração (Mt 17,1-9) – Luz incriada e inacessível (Mt 17,2; cf. Sl 104,2; 1 Tm 6,16) que investe a humanidade de Jesus: experiência momentânea da Ressurreição –, mediante a qual o Pai confirma o Filho na sua missão filial batismal, já iniciada, mas ainda não consumada.

Jesus chama os discípulos à fonte da oração e da escuta da Palavra, para um *banho de luz*, que os ajude a ver, para lá do caminho da Cruz, a meta da ressurreição. Sempre que vimos à fonte do nosso encontro com Cristo, saímos transformados e fortalecidos com a luz e força de Deus, para ir em frente, como Abraão.

Para esta *lectio divina*, pode ser interessante colocar em paralelo os vários textos da Transfiguração (Mt 17,1-8; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36). Se houver vários grupos dentro do mesmo grupo, pode atribuir-se uma versão diferente a cada grupo. Também pode fazer-se a leitura dos três textos, que podem ser distribuídos em forma de sinopse, em três colunas. Um breve olhar pode ajudar-nos de imediato a ver muitas semelhanças e algumas diferenças, que saltam à vista. Para isso leiamos, atentamente, os textos e procuremos responder às perguntas:

**I. LECTIO: QUE DIZ O TEXTO?**

*É importante ler o texto, a sós e/ou em voz alta. Pode sugerir-se a leitura do Evangelho a vozes, para o tornar mais captável. Trata-se agora de ler e reler o texto, palavra a palavra, linha a linha. É importante compreender as partes e o todo do texto, fazendo-lhe perguntas e mais perguntas, procurando identificar pessoas, sentimentos, espaços, tempos, modos de atuar. As perguntas e as respostas são apenas um guião para o diálogo, de modo a ajudar a explorar os pormenores mais ricos do texto.*

**1. Qual o género literário deste texto?**

Tal como o texto relativo à cena do Batismo do Senhor, trata-se também aqui de uma “teofania” (uma revelação de Deus). Há vários elementos que nos fazem dar conta de que estamos diante de um género literário muito próprio, cheio de símbolos: um alto monte, o estar a sós, a cor branca e brilhante das vestes, a presença «em glória» do grande profeta (Elias) e do grande legislador (Moisés); a nuvem e a voz que confirma Jesus como o Filho amado do Pai. Numa palavra: o relato está tecido de ecos da teofania do Sinai, tomados de diversos lugares do relato de Ex 24: a montanha alta, os seus dias, as três pessoas escolhidas como testemunhas, a voz, o temor… A nuvem e a sombra, apontam para o cenário das grandes revelações; a nuvem é o sinal da presença do próprio Deus, a *Shekkinah*. A nuvem sobre a tenda da grande revelação indica, por certo, a presença de Deus.

**2. Qual é o contexto?**

Em todos os Evangelhos, a cena da Transfiguração situa-se depois do primeiro anúncio da Paixão. Em Lucas, na frase anterior ao relato, fala-se de «ver o Reino de Deus», isto é, de reconhecer a realeza do Senhor Ressuscitado. É o que, de certo modo, vai acontecer por antecipação, em visão na Transfiguração. A expressão «oito dias depois», em Lucas, conduz-nos até às aparições do Ressuscitado. É o que de certo modo vai acontecer por antecipação, em visão.

**3. Quando é que isto acontece?**

Mateus e Marcosfalam de «seis dias depois» (Mt17,1; Mc 9,2). São Lucas fala de «*oito dias depois*» (Lc 9,28). E acrescenta «*depois destas palavras*», ou mais literalmente *“depois deste discurso*” ou “*depois destes acontecimentos*”. Mas tal cena tem lugar quando? Depois de que acontecimentos? Depois da primeira missão e do regresso dos Doze; depois da multiplicação… Depois de que discurso? Oito dias depois de Jesus ter falado sobre a necessidade de o Filho do Homem sofrer, ser entregue e morrer, para ressuscitar (Lc 9,21-22) e depois de ter enunciado umas cinco máximas sobre o seguimento dos discípulos (Lc9,23-27). Em todo o caso, percebe-se que a aparição da glória de Jesus está ligada à sua Paixão.

**4. Quem são os personagens?**

Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago. Repare-se na ordem dos três íntimos de Jesus, que é diversa da de Mateus e Marcos. Eles testemunham a cena grandiosa da Transfiguração como dispunha a Lei antiga: duas ou três testemunhas (cf. Dt 17,6), os quais são igualmente confirmados para a sua missão futura (após a Ressurreição com a dádiva do Espírito) de dar testemunho d’Ele. Estes mesmos três estarão com Jesus na agonia, no Monte das Oliveiras (cf. Mt 26,37).

**5. Que faz Jesus?**

Jesus sobe ao monte, tomando consigo Pedro, Tiago e João. São Lucas precisa a finalidade desta subida: «*para orar*» (Lc 9,28). A própria transfiguração acontece «*enquanto orava*» (Lc 9,29).

**6. Que significa este «monte»?**

Já sabemos, do Antigo Testamento, do valor simbólico do monte como lugar de revelação. Aparece aqui o monte como lugar de particular proximidade a Deus. Pensemos no monte das tentações (Mt 4,8), no monte da sua grande pregação (Mt 5,1), no monte da agonia (Mt 26,30), no monte da Cruz (Mt 27,32), no monte da Ascensão e do envio em missão (Mt 28,16). O monte é lugar de subida, de ascese interior: a subida implica libertar-se do peso da vida quotidiana, respirar o ar puro da criação. No monte os três discípulos veem resplandecer a glória de Deus.

**7. O que aconteceu a Jesus?**

“*Transfigurou-Se diante deles*”, diz São Marcos. São Mateus acrescenta palavras cuidadas: “o seu rosto resplandeceu como o Sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz” (Mt 17,2). As Igrejas do Oriente conhecem este episódio da Transfiguração por «metamorfose», a partir das palavras do texto: «*Transfigurou-Se diante deles* [Pedro, Tiago e João]*: o seu rosto resplandeceu como o Sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz*» (Mt 17,2). O branco é a cor divina. E a luz é o seu vestido, conforme o dizer do Salmista «*estás revestido de esplendor e majestade; estás envolto num manto de luz*» (Sl 104,2). Lucas não fala, como Mateus e Marcos, de «transfiguração» ou de «metamorfose». Diz apenas que o seu “rosto” se tornou outro, se tornou distinto do que tinha. Evoca-se aqui a experiência de Moisés (cf. Ex 34,29) que, quando saía da tenda, tinha o rosto resplandecente, iluminado pela glória de Deus. Mas, enquanto para Moisés esta luz vinha de fora, em Jesus esta luz resplandece a partir do Seu interior. Jesus não só recebe a luz, Ele mesmo é a luz. Em Lucas, a “metamorfose” não parece afetar senão as vestes de Jesus. Na literatura apocalítica a extrema brancura da veste é atributo celestial (cf. Dn 7,9). O Apocalipse fala dos eleitos revestidos de túnicas brancas (cf. Ap 7,9.13; 19,14).

**8. Quem fala com Jesus?**

Dois homens falavam com Ele: eram Moisés e Elias. É para Ele que aponta todo o Antigo Testamento! As Escrituras, Moisés, todos os Profetas e os Salmos, falam acerca d’Ele! (Lc 24,27.44; Jo 5,39.46; At 10,43). A referência a Moisés e Elias, que aparecem «em glória», prepara para o acolhimento de Jesus como Palavra definitiva do Pai. Moisés e Elias representam a Lei e os Profetas, todo o Antigo Testamento e acenam para Jesus, que deverá agora ser o «escutado». Eles são as testemunhas da Antiga Aliança. No caminho de Emaús, Jesus retoma os textos da Lei e dos Profetas para iluminar o sentido dos acontecimentos da sua morte e ressurreição (cf. Lc 24,27.32).

**9. De que falam?**

São Mateus não refere o tema da conversa. Mas Lucas di-lo. Literalmente, falam do «êxodo» (Lc 9,31), da «partida», da «passagem» de Jesus para o Pai. Falam, afinal, da sua morte, ressurreição e ascensão. Que a Transfiguração deve ser vista à luz da Ressurreição, fica bem patente no dizer das Igrejas do Oriente que chamam à Festa da Transfiguração, que se celebra no dia 6 de agosto, «a Páscoa do verão». Mas está também claro na ordem taxativa de Jesus ao descer do monte: «A ninguém digais esta visão até que o Filho do Homem seja ressuscitado dos mortos» (Mt 17,9).

**10. Como reagem os discípulos?**

Temos aqui as reações extáticas dos discípulos, num misto de escuta e temor, de temor e alegria, que vão do «medo» (Mc 9,6), ao «sono pesado», ao «despertar» (da morte à vida) até ao desejo de ali permanecer ali. É uma reação de sentimentos opostos e confusos, mas que denota a experiência real de quem segue Jesus entre o cansaço, a ilusão e o desejo de O seguir. Só Lucas diz que eles «viram a glória de Jesus» (cf. 2 Pe 1,17-18), fizeram a experiência da sua Luz.

**11. Que diz Pedro?**

Pedro, sempre ele, em nome dos discípulos de então e de sempre, tenta impedir Jesus de prosseguir a sua missão filial batismal até à Cruz: «Senhor, bom é estarmos aqui … Levantarei aqui três tendas» (Mt 17,4). Aqui significa deter-se no provisório, no preliminar e no penúltimo, e recusar caminhar para o definitivo e o último! Marcos (Mc 9,6) e Lucas (Lc 9,33) anotam criteriosamente que «não sabia o que dizia». Não sabia, porque ainda não tinha sido batizado com o Espírito Santo e com o fogo; quando o for, saberá também ele, discípulo fiel, batizado / confirmado, levar por diante a missão filial batismal em que foi investido e dará testemunho até ao sangue. Era impossível deter a beleza da experiência que ali fizeram. É preciso retomar o caminho sem medo, descer do monte para a vida comum e seguir viagem com Jesus até Jerusalém, até à Páscoa da Cruz, da Morte e da Ressurreição.

**12. Porquê três tendas?**

As tendas apontam para a Festa das Tendas, das Cabanas ou dos Tabernáculos, que recordava a peregrinação de Israel, pelo deserto, onde os judeus tinham vivido em tendas (Lv 23,43), na expectativa da tenda eterna. Durante sete dias, os judeus viviam em tendas, recordando a experiência do deserto e o dom da Lei no Sinai. Inicialmente esta era a última e a mais importante festa das colheitas ou vindimas (na lua cheia de setembro-outubro), em torno dos frutos da eira e do lagar; nesta festa também se recolhia a água das primeiras chuvas e se derramava essa água pedindo um tempo favorável, com a abundância da chuva.

**13. Qual a revelação? De onde procede?**

A voz divina do Pai dirige-Se às testemunhas da cena e não ao próprio Jesus, contrariamente ao que acontece na cena do Batismo (Mc 1,11). Em São Marcos, Jesus é declarado pelo Pai, o seu “Filho muito amado”, que é a forma grega de dizer no hebraico “*Teu filho, teu filho único*” (Gn 22,2.12.16). Esta expressão “Filho muito amado” coincide com a do Batismo.

Mas o texto acrescenta algo mais que o «Filho muito amado», Diz: “escutai-O”, recolhendo assim a frase do livro do Deuteronómio sobre o profeta definitivo, semelhante a Moisés: “O *Senhor, teu Deus, suscitará no meio de vós, de entre os teus irmãos, um profeta como eu; a ele deves escutar*” (Dt 18,15). O foco de luz, de certo modo, passa de Moisés e Elias para se fixar unicamente em Jesus. Esse Filho a escutar é a própria revelação divina!

Aqui torna-se evidente a afinidade com a subida de Moisés ao Sinai, pano de fundo da história da Transfiguração. No monte, Moisés tinha recebido a Torah, a Palavra com o ensinamento de Deus. Agora referindo-se a Jesus, é-nos dito: «escutai-O». Jesus tornou-Se a própria palavra divina da revelação. Jesus é a própria Torah viva, a Palavra inteira de Deus. Os discípulos devem voltar a descer com Jesus e aprender sempre de novo: «escutai-O». Até então Jesus perguntara: «*Quem dizem os homens que Eu sou?*» (v. 18). Agora é o próprio Pai que, tal como no Batismo, O declara Filho seu, o seu Eleito.

**14. Que acontece a Jesus depois de Se ouvir a voz do Pai?**

Jesus fica sozinho. Jesus fica «isolado»; só sobre Ele é que a luz «deste cenário» incide. Ele é a Palavra definitiva do Pai. Moisés e Elias ficam em contraluz.

**15. Que acontece aos discípulos depois de Se ouvir a voz do Pai?**

Em São Mateus, os discípulos ficam assustados, caindo com o rosto por terra, num sinal de reconhecimento da presença divina. São Lucas diz que os discípulos guardaram silêncio e, naqueles dias, nada contaram a ninguém do que tinham visto. Teriam de passar pela Páscoa para poderem falar do assunto.

**II. MEDITATIO: QUE ME (NOS) DIZ O SENHOR NESTE TEXTO?**

*Deixemos que as pessoas partilhem os aspetos que mais lhes tocam o coração e a vida. Permitamos que sublinhem ou destaquem uma ou outra frase e justifiquem ou não a sua escolha. Podem fazer-se algumas perguntas, que despertem para outras perguntas. As perguntas aqui apresentadas são apenas inspiradoras e motivadoras. Mas o mais importante é ajudar os participantes a ligar Palavra e Vida. Nesta etapa, não convém prolongar as “discussões” à volta do texto, com mais explicações. Agora, trata-se de o relacionar com a própria vida.* *Aprendamos a partilhar em grupo as ressonâncias desta meditação.*

1. Com que relaciono o texto? Que acontecimentos de Cruz e de Luz há na minha vida?
2. Que sinto ou experimento ao ler este texto? Paz? Desassossego? Necessidade de uma experiência forte de encontro com Cristo? Fascínio pela beleza que salva? Desejo de subir até às alturas? Medo de descer à realidade nua e crua da vida?
3. Sinto-me desafiado(a) a parar, uma vez que estou a morrer de sono, de cansaço? Preciso de descansar para ficar sem «olheiras» e ficar de rosto luminoso? Sinto que Jesus me leva a um “alto monte” para estar a sós com Ele?
4. O que significa para mim hoje, o episódio da Transfiguração? Tenho experimentado na minha vida que Jesus Se transfigura, ou seja, que me dá a conhecer o Seu poder e a Sua glória como Deus e Senhor? Em que situações?
5. Tenho “boa memória” das experiências de “transfiguração” na minha vida ou ponho mais acento nas experiências de tristeza e desolação?
6. Percebo que a transfiguração hoje, na minha vida, pode dar-se através de uma forte experiência de encontro com Jesus na oração e na vida sacramental?
7. Onde me situo nesta cena? No topo do encontro com Deus? No vale da desolação e do sofrimento? Na subida do monte ao encontro com o Senhor?
8. Tenho a tentação de Pedro, ao querer ficar no “*topo da experiência mística*” da transfiguração e ao evitar descer desta experiência à realidade da vida quotidiana?
9. Procuro levar a experiência da oração para a minha vida quotidiana?
10. Deixo que a “voz” do Pai me confirme uma e mil vezes que Jesus é o Seu Filho amado e predileto?
11. Escuto e obedeço ao Filho amado e predileto do Pai?
12. Sinto que sou também Eu “Filho(a) amado(a)” do Pai?

**III. ORATIO: QUE DIGO EU (DIZEMOS NÓS) AO SENHOR QUE ME (NOS) FALA NESTE TEXTO?**

*Convém acompanhar esta etapa com o silêncio, uma música de fundo, um refrão, um cântico… O orientador deve estar atento, no sentido de ajudar a preencher os silêncios e facilitar a expressão pessoal da oração. As orações aqui propostas são apenas inspiradoras. Uma ou outra oração pode ser usada como oração comunitária do grupo.*

1. Em silêncio, pela palavra, pelo canto, pelo gesto, que digo eu ao Senhor?
2. Que palavras, canto, silêncio ou gesto me provoca a Palavra escutada?
3. Oração pelos catecúmenos

Senhor nosso Deus, que sois o criador e o restaurador do género humano, olhai com bondade para aqueles que chamais à filiação divina e juntai estes novos membros ao povo da nova Aliança, para que também eles se tornem filhos da promessa e, assim, o que não conseguiram por natureza, tenham a alegria de o alcançar pela graça. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo. Ámen (cf. RICA 149).

1. Ação de graças

Nós damos-Te graças, Pai Santo,

porque nos chamaste à Terra Prometida do Seu Reino

e nos mandaste caminhar até Te encontrarmos.

Enviaste-nos o Teu Filho amado que,

depois de anunciar a sua morte aos discípulos,

lhes mostrou, no monte santo, o esplendor da sua glória

para dar testemunho, de acordo com a lei e os profetas,

que a Paixão é o caminho da Ressurreição.

Desperta, Senhor, a nossa fé,

adormecida por tantas palavras vazias.

Faz com que, decididamente,

nos ponhamos a caminho,

como Jesus ao descer do monte,

para que cheguemos renovados e livres

às festas da Páscoa.

Por Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Ámen.

**IV. CONTEMPLATIO: QUE ME (NOS) É DADO VIVER, SENTIR, SABOREAR, DISCERNIR?**

*Talvez a contemplação aconteça fora do tempo e do templo da oração comum, quando os participantes regressam a casa ou percorrem os seus caminhos, deixando que esta Palavra os ajude a viver, a sentir, a saborear e a discernir a vontade de Deus nas suas vidas. Os textos propostos são meramente sugestivos e provocadores para o tempo da contemplação.*

Contemplar vem das palavras **“cum-templum”**: é estar num lugar à parte; deixar-se possuir pela Palavra; deixar-se abraçar pelo Absoluto que nos toma «à parte». Assim a contemplação é como que o retorno ao paraíso, dando-nos a consolação; a irrupção do divino na História; a visão panorâmica (a «teoria», isto é, a visão de Deus); a visão de tudo à luz do Crucificado e Ressuscitado. Trata-se de saborear o texto e alimentar-se dele. Fixemo-nos, por exemplo, neste testemunho:

“Uma voz, uma voz muito débil, sussurrou-me que nunca nenhum ser humano seria capaz de me dar o amor que procurava, nem uma certa amizade, nem qualquer outra relação íntima; nem sequer uma comunidade poderia jamais satisfazer as mais profundas necessidades do meu coração. Aquela voz suave, mas insistente, falou-me da minha vocação, dos meus primeiros compromissos, dos muitos dons que recebi na casa do meu Pai. Aquela voz chamou-me «Filho»” (Henri Nouwen).

**V. ACTIO: QUE FAZER?**

*Sugerem-se algumas atitudes, algumas ações, algumas resoluções ou decisões para a vida. Obviamente, o mais importante é que os participantes percebam que a Palavra lida, meditada e rezada, tem reflexos na vida concreta. As sugestões são apenas “lembretes”, que ajudam a concretizar a vivência da Palavra. Tenham-se em conta, em cada semana, a proposta da Mensagem do Papa para a Quaresma, alguma proposta diocesana ou mesmo a proposta paroquial, se as houver.*

1. Oferecer companhia a Deus, na oração prolongada, e companhia aos outros, numa visita mais demorada.
2. Sair ao encontro dos sem-abrigo ou das pessoas que vivem mesmo sós, de modo que possamos dizer ou ouvi-los dizer: «*Que bom é estarmos aqui*».
3. Criar condições que favoreçam a transfiguração da nossa vida: o silêncio, a oração, a *lectio divina,* o desejo de mudar, o esforço de caminhar... Com gestos assim, o rosto *(o nosso e o dos outros)* ficará resplandecente como o Sol e até a veste do nosso Batismo tornar-se-á branca como a luz!

**Oração final**

Vi-Te, Senhor. Escutei o teu convite e por isso sigo-Te. Diante do teu rosto transfigurado renovo o meu desejo de chegar contigo até onde a vontade do Pai me levar. Ilumina a minha vida com a tua luz; renova-me com a luz do teu amor. Transfigura a minha vida pessoal, a vida da minha família e a vida da minha comunidade. E quando as dificuldades baterem à porta, dá-me uma memória esperançada; que recorde quem Tu és e qual a meta que me aguarda. Não me deixes ceder perante nenhum obstáculo. Ámen.